

Teolinda Gersão



«Tem muitos contos para escrever nos próximos tempos e não lhe faltam ideias para romances, que vai acumulando nos pequenos cadernos que a acompanham para todo o lado. Mas a ordem natural da vida mete-se-lhe pela escrita dentro, o que a fez adiar todos os projetos em curso. Teolinda Gersão perdeu a mãe há dois anos e meio e tentou fixar esse momento. Ao passar a ocupar o lugar da geração mais velha, a escritora quis enfrentar os seus fantasmas, projetando-se nestas personagens que se encontram num velório. Nas livrarias no final desta semana, com a chancela da Sextante, *Passagens* é, assim, um “romance sobre a morte”, o que equivale a dizer que é um “romance sobre a vida”. O espelhar da sabedoria que acumulou ao correr dos anos.

Nascida em Coimbra, em 1940, Teolinda Gersão, profª catedrática (jubiliada) de Literatura Alemã e Comparada da Universidade Nova de Lisboa, é autora de uma obra já numerosa, que inclui romances, novelas e contos, como *O Silêncio*, *A Arvore das Palavras*, *A Casa da Cabeça de Cavalo*, *A Cidade de Ulisses* ou *A Mulher que Prendeu a Chuva*, tendo sido distinguida com, entre outros, o Grande Prémio de Romance e Novela, e o Prémio de Conto Camilo Castelo Branco, da Associação Portuguesa de Escritores, e, duas vezes, com os Prémios de Ficção do Pen Clube.

Inclinação especial só não tem para teatro, embora já tenha visto várias adaptações de textos seus. *Passagens* é o livro em que mais se aproxima desse registo, num coro de vozes interiores que evocam o lugar da família e o poder da Literatura. É que para a escritora, como para Walter Benjamin, que cita numa das epígrafes, “um acontecimento vivo é finito, enquanto um acontecimento lembrado não tem limites, é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.”

Journal de Letras: “Não pinto o ser, pinto a passagem”, diz a epígrafe de Montaigne. Foi o que perseguiu neste livro?

Teolinda Gersão: É a ideia central. A vida é uma sucessão de passagens. Estamos em constante transformação: a crescer, evoluir, mudar, envelhecer. Mais do que a fixidez de um momento, interessou-me captar a passagem do tempo. Julgo, aliás, que esse é o grande tema dos romances. Do início ao fim, há sempre uma mudança, uma progressão que me fascina.

É esse o sentido da segunda epígrafe, de Walter Benjamin, sobre o poder da recordação. São citações programáticas?

Talvez sejam. Para ser universal, a Literatura tem de atingir uma grande profundidade, ultrapassar o indivíduo. Só assim qualquer pessoa pode reconhecer-se no que lê. No fundo, procurei transmitir uma visão metafísica e cósmica.

A cerimónia do adeus

Em que sentido?
Quería muito escrever este livro, que é sobre a vida e a experiência. Já vivi o suficiente para perceber que o ser humano é complexo, que a vida não é fácil, nunca é o que sonhamos ou desejamos. Mil fatores se intermetem pelo caminho.

É um livro que resume a sabedoria que acumulou ao correr dos anos?
Não só a minha mas também a dos outros, de quem vi viver, que perdi, fizera parte do meu percurso. Homens e mulheres cheios de generosidade e humanidade que me ensinaram muito. Num certo sentido, hoje perdi-se um pouco esse diálogo entre gerações, que aqui evoco.

E porquê num funeral?
À sua maneira, são pontos de en-

contro das famílias. Pessoas que não se veem há anos reúnem-se muitas vezes em torno de quem teve um papel muito importante nas suas vidas. É um momento de reflexão, emocional, em que muita coisa vem ao de cima.

O velório foi a imagem que despoletou este livro?

Tive a sorte de ter uma família numerosa. Não irmãos, porque sou filha única, mas muitos tios e primos. Ao longo dos anos vi desaparecer várias gerações, e sempre que nos encontrávamos num funeral era um momento de perda mas também de união. Embora doloroso, não era um momento terrivelmente triste. Celebrávamos uma vida preenchida, aceitando a ordem natural das coisas. A morte também é uma passagem.

A passagem para a idade dos mais velhos esteve de alguma forma na origem deste livro?

Contribuiu. Perdi a retaguarda e muito deste livro tem a ver com a minha mãe, que morreu há dois anos e meio, com 100 anos. Fui a última pessoa que deixou de reconhecer, não sei se por ter Alzheimer, se por senilidade. Passei pelo desmanchar da casa de família, pelas dificuldades da terceira idade, pela opção por um lar e o que isso acarreta. Problemas que tocam a todos.

Quis fixar esse momento?

Acima de tudo, a fase em que a pessoa está mas já não está, é mas já deixou de ser. A Literatura também se faz de imagens e sou muito visual a escrever, gosto de ver coisas em cena, situações, agarrar as pessoas em movimento, o instante. Ao longo deste livro lembrei-me do trabalho de Richard Avedon, que fotografou o pai pouco antes de morrer. São fotografias lindíssimas, como aliás toda a série que fez sobre a terceira idade. Avedon dizia que a partir de certa altura a morte dos que nos são mais queridos é também a nossa própria morte.

Este livro foi uma forma de enfrentar a morte?

Escrever pode ser um processo doloroso, porque nos obriga a enfrentar zonas de sombras, fantasmas do inconsciente que julgamos não ter. Não sou uma pessoa obcecada com a metafísica, nem com o que existe além da morte. Assumo até que pode ser o nada, o que valoriza a vida. Só nos resta apenas esta, temos de a aproveitar. E fazer algo pelo mundo em que estamos. Deixar qualquer coisa melhorada a quem fica e está por vir. Uma espécie de testamento, legado, mensagem, que de sentido à vida.

Escrever pode ser uma dessas formas de herança?

Sim. E deixar o melhor de nós, de partilhar o que descobrimos sobre a existência. A Literatura é uma

forma única de comunicar e estar no mundo, que tanto transforma o escritor, como o leitor.

TEATRO INTERIOR
Os seus livros são sempre muito diferentes entre si. É uma vontade de mudança?

«Não sou do tipo de escritores que encontra uma fórmula que funciona e a repete. Mesmo se soubesse que iria ter muito êxito, da crítica e do público, acharia aborrecido. Pressa a um formato, não teria o prazer de experimentar e de evoluir. Cada livro procura a maneira certa de ser contado. Só tenho de obedecer. O que, às vezes, dá muito trabalho, porque exige recomeçar do zero. Se é um dom ou uma maldição, não sei. Mas tenho uma certeza: cada livro é como se fosse o primeiro.

Neste caso, bem perto do teatro.
Mas sem o ser. Se fosse, o resultado seria muito diferente. As falas são apenas um artifício romanesco.

Lá disse que não gosta de escrever para teatro.
E verdade. As adaptações dos meus textos deixam-me muito feliz, mas não me sinto minimamente inclinada para escrever peças de teatro. Vejo-as como rascunhos ou esqueletos a partir dos quais o encenador faz a sua obra. Interessa-me mais uma coisa inteira, fechada, completa. Neste romance, o teatro é interior. E o palco imaginário.

Aproxima-se, contudo, da ideia de coro teatral.
Mas nada é dito pelas personagens, é tudo pensado. As vozes completam as frases uns dos outros de uma maneira muito musical, como se fizessem parte de uma partitura. A música é uma das minhas grandes paixões e muito do que escrevo tem essa influência. Bach é a banda sonora deste livro. Na obra do compositor alemão tudo encaixa e faz sentido. Tem um universo redondo, aparentemente limpo e cristalino, mas de grande densidade.

É também o que procura?
Sim, a simplicidade, ser direta, uma escrita limpa, desataviada e sem artifícios, próxima do real. O que não quer dizer pouco trabalhada. A simplicidade dá muito trabalho.